

Conceito e objeto da Lógica pura em Edmund Husserl

FAPCOM

Sérgio Alexandre Minehira

Orientação: Prof. Dr. Pedro Monticelli

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar o problema da fundamentação da lógica como ciência que independe dos conteúdos psicológicos. Edmund Husserl defende essa tese contra pensadores que argumentam que a lógica era apenas uma técnica, arte ou método do pensar. Assim, trataremos desse tema delimitando o conceito e objeto que define essa doutrina chamada de Lógica pura.

Palavras-chave: Edmundo Husserl, Investigações Lógicas, Lógica Pura, Prolegômenos à Lógica Pura, Significação.

1. Introdução

No primeiro livro da obra *Investigações Lógicas*, denominado *Prolegômenos à Lógica Pura*, Husserl faz uma análise de teses que definem a lógica como uma técnica do juízo, uma ciência do pensar que é exclusivamente fundada e dependente do psicológico, como um modo operacional, prático, apenas para construção de argumentos válidos. O autor não desconsidera o que a lógica também tenha esse papel prático, entretanto, enxerga a necessidade de esclarecer sobre seu papel que vai além dessa função, e, em vista disso, ele constrói argumentos que justificam a posição sobre a independência da lógica como doutrina *a priori*, em relação à posição que defende que seu conteúdo é de origem psicológica, ou seja, como técnica.¹

Se torna relevante para investigação em torno da lógica, determinar os limites que se mostram mais fundamentais para mostrar seu real objeto e fundação, já que cada ciência trata de uma região específica de objetos e leis que dão sua base, portanto, a *Lógica Pura* também deve se revelar enquanto tal. Do modo que, a tese da independência da lógica como ciência fundamental é desenvolvida por Husserl, como diz o comentador José Henrique Santos na obra

¹ "As investigações que se seguem esperam, com efeito, tornar claro que a lógica até aqui, e principalmente, a lógica atual, psicologicamente fundada, sucumbiu quase sem exceção aos perigos enunciados, e que pela incompreensão dos fundamentos teóricos, e pela confusão de domínios daí resultante, o progresso no conhecimento lógico foi substancialmente dificultado.". HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2012. §1, p.05.

*Do empirismo à fenomenologia*², onde cita que ela não é restringida especificamente a nenhum domínio particular de conhecimento, mas é a possibilidade de um conhecimento de alguma coisa em geral,³ e essa ciência que se mostra como foi dito anteriormente, *a priori* e *pura*.

2. O problema do status da lógica na obra “*Investigações Lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura*”

As questões essenciais tratadas por Husserl nas *Investigações Lógicas*, permeiam sobre uma natureza contingente ou apodítica das diversas esferas participantes no ato do conhecimento. No entanto, a questão sobre o real estado da lógica é o pontapé inicial dessa discussão iniciada no *Prolegômenos à Lógica Pura*, que gira entorno de argumentos contra teses psicologistas. Isso vai desencadear, na fundamentação da doutrina fenomenológica e suas respectivas etapas durante todas as obras posteriores de Husserl. Mas nesse artigo, iremos nos restringir no cerne da discussão abordado no *Prolegômenos*, que não tem em vista a discussão do psicologismo lógico,⁴ mas de modo mais restrito, iremos verificar como se estabelece os argumentos a favor de uma doutrina lógica *a priori*.

São duas as questões apresentadas por Husserl acerca o status da lógica: a primeira é se a “lógica é uma disciplina teórica, independente da psicologia, portanto, uma disciplina formal e demonstrativa”, ou se “a lógica é uma técnica dependente da psicologia”.⁵ Como foi dito anteriormente, o reconhecimento do caráter prático da lógica é incontestável, e Husserl se manifesta dizendo:

"Uma lógica orientada para a prática é um postulado inevitável de todas as ciências, e a este fato corresponde também que a lógica se originou historicamente por motivos práticos ligados ao empreendimento científico. Isto aconteceu, como se sabe, naqueles tempos memoráveis em que a ciência grega recém-nascida esteve em risco de sucumbir aos ataques dos céticos e subjetivistas, e toda a prosperidade futura da ciência dependia de que se encontrassem critérios de verdade objetivos, capazes de destruir a aparência enganadora da dialética sofisticada." (HUSSERL, 2012, §13, p.23)

Nessa via, podemos afirmar que a lógica tomada como disciplina prática se estabelece durante a história da filosofia como tal, e ergue empiricamente um modo de localizar verdades objetivas.

² SANTOS, José Henrique. *Do empirismo à fenomenologia*, A crítica do psicologismo nas Investigações lógicas de Husserl. Belo Horizonte. Editora Loyola. 2010.

³ SANTOS, 2010, p. 103.

⁴ Toda essa discussão pressupõe uma crítica ao psicologismo lógico, porém, esse tema é demasiado extenso e complicado para colocá-lo em pauta nesse trabalho.

⁵ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §1, p.05.

Como se vê, Husserl nos atenta a dizer que toda disciplina empírica pressupõe leis ou normas que dão bases à sua aplicação, ou seja, há uma disciplina normativa que dá o “dever-ser” as disciplinas empíricas. Nesse sentido, Husserl comenta que “A técnica expõe aquele caso particular de uma disciplina normativa, na qual a norma fundamental consiste em alcançar algum fim geral prático.”⁶ Sendo que, leis normativas são definidas por regularem uma atividade sempre segundo um certo fim, onde se tem de orientar para conduzir a resultados verdadeiros.⁷ Entretanto, as próprias disciplinas normativas também pressupõem uma base que são fundamentalmente teóricas. Sendo assim, Husserl se manifesta a respeito das características dessas três disciplinas, quando diz que “toda disciplina normativa e prática assenta sobre uma disciplina teórica”⁸, logo, as duas (prática e normativa) pressupõe um conteúdo anterior – que é teórico. E a distinção se segue quando ele especifica que as disciplinas regidas por leis normativas dizem sobre o “deve ser”, enquanto as leis das disciplinas teóricas dizem sobre “o que é”.⁹ E por fim, as separa definitivamente quando caracteriza que, por um lado as disciplinas normativas em sua essência fundamentam alguma valoração a seu enunciado, e essa valoração atua como norma fundamental para tal.¹⁰ Por outro lado, as disciplinas teóricas não tem a necessidade dessa referência a valoração.¹¹ O mesmo se aplica à lógica, sendo que Husserl afirma que “toda lógica apreendida como técnica, subjaz uma ciência teórica específica, uma lógica pura.”¹² Logo, como consequência, a lógica também não pode ser atribuída à uma ciência normativa.

Aquela posição que diz que a lógica é um produto da psicologia, transfere para a psicologia um papel de ciência fundamental – há uma naturalização da lógica. Dado isso, se a lógica está fundada exclusivamente na psicologia, nada negaria que a psicologia comande o uso instrumental da lógica, mas num sentido contrário, se a lógica é independente, não há dificuldade alguma em admitir que a lógica ofereça os critérios práticos.¹³ A posição de Husserl é claramente assumida pela independência da lógica em relação à psicologia, sendo assim, justifica essa tese quando cita que:

"Ciência são criações do espírito que visam um determinado objetivo, e que devem, por isso, ser julgadas também segundo este objetivo. E o mesmo é válido para as

⁶ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §15, p.35.

⁷ *Ibidem*.

⁸ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §16, p.35.

⁹ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §14, p.30.

¹⁰ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §14, p.34.

¹¹ “Nas disciplinas teóricas, pelo contrário, não existe esta referência central de todas as pesquisas a uma valoração fundamental como fonte de um interesse dominante de normalização.”. *Ibidem*.

¹² HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §13, p.25.

¹³ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §13, p.24.

teorias, as fundamentações e para tudo a que, em geral, chamamos método [...] A lógica pretende pesquisar aquilo que pertence às verdadeiras ciências, às ciências válidas, ou seja, aquilo que constitui a ideia da ciência..." (HUSSERL, 2012, §11, p.19)

É dessa maneira que Husserl inicia o conceito de uma lógica pura, que pode atuar como condição de possibilidade de uma ciência em geral, onde a desenvolve em vista das discussões precedentes a respeito de sua natureza.

3. Conceito de Lógica pura

A lógica em sua aplicabilidade prática, nada tem a ver com a discussão ulterior que Husserl se propõe a estabelecer. Seu conceito diz respeito a uma *teoria apodítica*, que dá condições de possibilidade de uma ciência em geral. E dessa maneira, Husserl se manifesta que já que uma teoria é formada por verdades que a compõem, então se segue que uma investigação acerca de verdades em geral deve ser ligada à uma unidade dedutiva em geral.¹⁴ Para Husserl, entretanto, deve-se investigar acerca dessa condição num sentido intersubjetivo, e desse modo ele manifesta que:

“O sentido da questão exige, entretanto, uma maior precisão. Ela é entendida inicialmente em sentido subjetivo, no qual seria melhor exprimida como a questão pelas condições de possibilidade do conhecimento teórico em geral ou, de modo mais abrangente, pelo raciocínio e pelo conhecimento em geral, e segundo a possibilidade para um qualquer ser humano. (HUSSERL, 2012, §65, p.177)

Mesmo tratando de condições *a priori* do conhecimento, Husserl nos atenta que deve se desconsiderar qualquer “referência ao sujeito pensante e à ideia da subjetividade em geral”, já que as leis da *Lógica Pura* estão no “seu conteúdo significativo, inteiramente livres de tal referência”, tornando-se livres de qualquer ato de alguma vivência que se refere ao “conhecer, raciocinar, representar, fundamentar, etc.”, mas tratada de modo geral, referindo-se a “verdade, conceito, proposição, raciocínio, fundamento, etc.”¹⁵

De outra maneira, já em relação aos *conteúdos* das proposições de determinadas ciências, segundo Santos, é importante acentuar que “as ciências empíricas realizam ideia de ciência”, mas elas são verificadas de modo contingente, e, “a natureza dos objetos empíricos, oposta à dos objetos ideais, origina leis e métodos de estrutura diversa, adequados a um tipo de realidade que nunca é absoluto”.¹⁶ Assim, Husserl revela que diferente do *conteúdo* empírico,

¹⁴ “Uma teoria, enquanto tal, consiste em verdades, e a forma da sua interligação é dedutiva. A resposta à nossa questão contém por isso a resposta à questão mais geral pelas condições de possibilidade da verdade em geral e, novamente, da unidade dedutiva em geral.” HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §65, p.177.

¹⁵ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §65, p.178.

¹⁶ SANTOS, 2010, p.149.

o teórico sempre é *ideal*,¹⁷ já que possibilita o entendimento sobre a mesma lei e verdade, a partir de diversas vivências, ou seja, de modo intersubjetivo. Sobre esse assunto, Husserl nos diz que:

“À multiplicidade de atos singulares individuais de conhecimento com o mesmo conteúdo corresponde a verdade única, precisamente como este conteúdo idealmente idêntico. E, do mesmo modo, corresponde à multiplicidade de complexões individuais de conhecimento, nos quais a mesma teoria – agora ou de outra vez, neste ou naquele sujeito – vem ao conhecimento, precisamente esta teoria como conteúdo idealmente idêntico. Ela não é então construída de atos, mas de elementos puramente ideais, de verdades, e isto em formas puramente ideais, nas formas de fundamento e consequência.” (HUSSERL, 2012, §66, p.179)

A *Lógica Pura* como condição de possibilidade de conhecimento teórico em geral, tem seu conteúdo puramente ideal, que possibilita os fundamentos de teorias com objetos também ideias (normativos) e reais (empíricos).

Com base no que foi discutido até o momento, nos atentaremos em explicitar acerca das tarefas da *Lógica Pura*, lembrando que não basta dizer que a ela é uma ciência *a priori*, sem antes delimitar suas leis que a qualificam como tal. Deste modo, Husserl nos apresenta três etapas essenciais:

Na *primeira etapa*, Husserl nos mostra as questões relativas das *categorias puras de significação* e *categorias objetivas puras*, já que estas devem se apresentar como uma totalidade de conceitos primitivos, ou seja, os conceitos de conceito, proposição e verdade que tornam possível a conexão do conhecimento sob aspecto objetivo, e nos dá um ideal de unidade teórica.¹⁸

As *categorias puras de significação* são definidas por Husserl por constituir “conceitos das formas elementares de enlace”, e, são aquelas que dão de modo geral a “unidade dedutiva das proposições”, como por exemplo, “o enlace conjuntivo, disjuntivo ou hipotético de proposições em novas proposições”. Portanto, essas categorias puras pertencem para lógica como condição de possibilidade de uma multiplicidade de formas sempre novas de proposições.¹⁹ De outro modo, os conceitos que são correlativos as categorias de significação, são as *categorias objetivas puras* ou *formais*, e essas nos dão conceitos de objeto, estado-de-coisas, unidade, pluralidade, número, relação, enlace etc.²⁰ Husserl acrescenta que ambos os

¹⁷ E este (ideal), é fundado a partir daquele (real).

¹⁸ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012, §67, p.181.

¹⁹ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012, §67, p.182.

²⁰ *Ibidem*.

casos, esses conceitos são invariáveis, e “são independentes da particularidade de qualquer matéria de conhecimento”.²¹

A *segunda etapa* remete ao valor dos conteúdos do conhecimento.²² Para a categoria das significações puras, essa etapa remete a “verdade ou falsidade das significações em geral, com base puramente na configuração categorial”.²³ Para o correlato objetivo, é a verificação “ao ser e ao não ser de objetos em geral, de estados de coisas em geral etc., novamente com base na sua pura forma categorial”.²⁴ Deste modo, elas se referem as leis fundantes sobre as classes de conceitos categoriais, sendo assim, Husserl nos diz que:

“Estas leis, que se referem a significações e objetos na sua generalidade lógico-categorial e, por isso, à sua máxima generalidade, constituem elas mesmas, por sua vez, teorias. Num lado, o das significações, estão as teorias do raciocínio, e.g., a silogística, a qual só é, contudo, uma destas teorias. O outro, o dos correlatos, funda no conceito da pluralidade a doutrina pura das pluralidades, no conceito do número, a doutrina pura dos números etc.” (HUSSERL, 2012, §68, p.183)

Assim, Husserl nos mostra a aplicação dos conceitos categoriais em modo geral, onde busca o valor dos conteúdos do conhecimento de modo geral, e nos apresenta a possibilidade de aplicabilidade às ciências particulares também de modo geral.

E a *terceira e última etapa*, Husserl denomina como “a teoria das formas possíveis de teorias ou a doutrina pura das multiplicidades”,²⁵ que nos indica uma realização das três etapas, e então, pode-se concluir tal investigação a respeito da sua delimitação e conceito. Isso se torna evidente quando Husserl nos diz que:

"Esse é um objetivo final e supremo de uma ciência teórica da teoria em geral. [...] Assim, a solução de problemas levantados dentro de uma disciplina teórica ou dentro de uma das suas teorias poderá circunstancialmente receber um auxílio metódico altamente importante pelo recurso ao tipo categorial ou (o que é o mesmo) à forma da teoria e, eventualmente, pela transição para uma forma ou classe formal, e para as suas leis mais abrangentes" (HUSSERL, 2012, §69, p.185)

O resultado dessas investigações, se realiza numa ciência abrangente das teorias em geral, que, portanto, verificadas suas leis essenciais, nos dá uma ideia de teoria das teorias a priori possíveis.²⁶ Na sua averiguação como doutrina a priori, ela “aponta para além de si”, como uma ciência “complementar que trata a priori da espécies (formas) essenciais de teorias e das leis de relação respectivas”.²⁷

Dessa maneira, a *Lógica Pura* se estabelece como uma teoria apodítica das ciências possíveis, e por isso se mostra como invariável, segundo suas leis a priori. Já na sua

²¹ Ibid.

²² SANTOS, p.147

²³ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §68, p.183.

²⁴ Ibidem.

²⁵ O nome dado por Husserl ao §69.

²⁶ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §69, p.184.

²⁷ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. §69, p.184.

aplicabilidade a ciências empíricas, ela também se mostra como condição ideal e necessária de possibilidade da experiência sensível, e isso é acentuado mais claramente a partir do comentário de Santos, quando diz:

“A extensão da lógica pura é eminentemente ‘formal’, e os conceitos e as leis que se aplicam aos conteúdos empíricos possuem a mesma natureza a priori e formal dos que dizem respeito ao domínio da idealidade, isto é, são também concebidos como condições ideais e necessárias da possibilidade de experiência sensível. Os conteúdos desta é que são contingentes, visto que não passam de fatos singulares e repetíveis. Sua repetição, contudo, não se dá ao acaso, já que obedecem a uma estrutura invariável, a uma regra a priori, dentro de cujos limites – e somente aí – se concebe a variação.” (SANTOS, 2010, p.149)

As etapas mostradas em defesa da Lógica pura, é elucidada de maneira *fenomenológica* (ao descrever os atos da vivência intencional) na segunda parte da obra *Investigações Lógicas*, onde o autor desenvolve uma *gnosologia* de modo aprofundado para um “esclarecimento crítico do pensar e do conhecer em geral”²⁸.

Por fim, Husserl nos deixa um anúncio que nos elucida a respeito de sua pretensão exposta até agora, e deste modo, ele cita que:

“A lógica pura é o sistema científico das leis e teorias ideais fundadas puramente no sentido das categorias ideais de significação, i.e., nos conceitos fundamentais que são o patrimônio comum de todas as ciências, posto determinarem o que em geral, num sentido objetivo, faz das ciências ciências, a saber, a unidade da teoria. Neste sentido, a lógica pura é a ciência das ‘condições de possibilidade’ ideais, ciência da ciência em geral, ou dos constituintes ideais da ideia de teoria.” (HUSSERL, 2012, p.194)

4. A função da significação na ideia de Lógica pura

4.1. Uma breve exposição sobre a natureza da significação

Não há como abordar o tema da *Lógica Pura*, sem falar da esfera semântica ou significação, mas antes de relacionarmos ambas, irei introduzir um parêntese para expor brevemente o assunto apenas acerca da significação.

Nos juízos, a significação é conferida sempre quando algo é expresso por alguém, ora quando nos comunicamos, ora quando apenas pensamos,²⁹ ao passo que a expressão nesses dois modos é caracterizada por nela exprimir *significação*.³⁰ Não há como exprimirmos acerca de algo sem que haja a significação, senão as palavras seriam apenas sons ou pensamentos sem

²⁸ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, I. 2012. p.194.

²⁹ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Investigação. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2012. §1, p.21.

³⁰ “Significação vale, para nós, como sinônimo de sentido.”. HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §15, p.43.

sentido,³¹ e desde Aristóteles há o conceito de que o discurso detém a expressão, e ele é som articulado e significativo.³²

Para verificar a natureza da significação, então perguntamos *qual a sua natureza?* Husserl nos revela que:

“É inegável que aquilo a que, neste sentido, chamamos significação não abarca absolutamente senão unidades ideais, que são expressas em múltiplas expressões e em múltiplas vivências de ato são pensadas” (HUSSERL, 2012, p.77)

Destarte, ela é uma esfera de *natureza ideal* e não precisa ser expressa para continuar sendo significação, ao passo que, para uma expressão ser expressão, é necessário que nela tenha significação. Husserl deixa claro quando diz que, “em si, não há, porém, qualquer nexos necessário entre as unidades ideais, que funcionam factualmente como significações, e os signos aos quais elas estão ligadas”.³³ Ora, ao dizer que não há nexos necessário entre as significações e as expressões, mas, que as expressões são definidas por terem significações, Husserl conclui que:

“Há, portanto, inumeráveis significações que são simples significações possíveis, no sentido relativo comum da palavra, porquanto não chegam jamais à expressão e jamais poderão chegar, em virtude dos limites da faculdade humana de conhecer.” (HUSSERL, 2012, p.87)

Isso indica que a esfera semântica é necessariamente mais extensa, já que não temos ciência de significações ainda não expressadas, ao passo que, todas as expressões expressadas possuem significações das quais já temos ciência.

E por serem ideais são atemporais, logo, não são afetadas por princípios causais. Por exemplo, quando um sujeito diz *a soma dos ângulos internos de um triângulo é igual a 180 graus* – um exemplo de objeto da geometria -, ele diz a partir das suas vivências sobre determinado triângulo e alguma determinada situação ou juízo, mas a significação desse enunciado não está subordinada ao tempo e nem à vivência de quem o enuncia. Esse enunciado aponta para *o mesmo* significado sempre que alguém o profere. Portanto, Husserl justifica a idealidade da significação do enunciado quando diz que “o que esta asserção asser é o mesmo, seja quem for que a possa enunciar afirmativamente e sejam quais forem as circunstâncias e os tempos em que o faça”.³⁴

³¹ Ibidem.

³² ARISTÓTELES. *Da interpretação*. São Paulo. Editora Unesp. 2013. IV, p.07.

³³ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §35, p.87.

³⁴ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §11, p.36.

Ora, sempre que alguém emite a mesma proposição, cada proposição é manifestada a partir de diferentes vivências, tempos, entendimentos. Essa proposição, mesmo sendo emitida por diversas vivências singulares, aquilo que é expresso remete ao *mesmo* conteúdo. Husserl deixa claro ao citar que “a significação da proposição não se multiplica com o número de pessoas e de atos, o juízo é um no sentido lógico ideal”³⁵. Portanto, em seu conteúdo, a significação se mostra como uma *unidade na multiplicidade*, e só enquanto unidade ideal, o autor nos mostra que ela pode “abarcara a dispersa multiplicidade das singularidades individuais”³⁶, portanto, sendo o uno no múltiplo.

A significação é uma esfera de *natureza ideal*, já que mediante a ela podemos ter entendimento sobre diversos tipos de *objetos* em que nos referimos acerca do mundo. E também não se pode concluir nenhum vínculo gramatical e psicológico, visto que esta não se refere à esfera psíquica – não é produzida pela mente -, mas se refere a uma *esfera da objetividade*.³⁷ Ora, o falante emite uma expressão acerca de um *objeto*, e, a significação daquele determinado *objeto designado* faz a mediação para compreensão do ouvinte.³⁸ Desse modo, Husserl nos atenta ao dizer:

“Toda e qualquer expressão não quer apenas dizer qualquer coisa, mas também diz algo acerca de qualquer coisa: ela não tem apenas a sua significação, mas refere-se também a quaisquer objetos” (HUSSERL, 2012, p.38)

O *referir-se* a objetividade é uma propriedade *intencional* da expressão.³⁹ Desse modo, só a partir dessa *intencionalidade* da natureza da significação, é que podemos dizer que estes se referem a uma objetividade.

4.2. Significação como objeto da Lógica pura

Como dito anteriormente, a significação aparece como sendo uma *unidade ideal intencional* que se refere ao objeto, e esse referir-se pode ser dado a diversos objetos que detêm o mesmo significado, assim, se revelando como uma unidade na multiplicidade. Quando se trata da Lógica Pura, diz Husserl, “tem que ver exclusivamente com estas unidades ideais, que

³⁵ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §31, p.83.

³⁶ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §31, p.84.

³⁷ “E na medida em que nos esforçamos por extrair a essência ideal das significações dos seus vínculos psicológicos e gramaticais, na medida em que, para além disso, temos em vista clarificar as relações apriorísticas de adequação à objetividade significada fundadas nesta essência.”. HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §29, p.76.

³⁸ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §9, p.32.

³⁹ “As expressões são intencionais. Não só possuem sentido ou significação mas também referem-se a objetividades e a estado-de-coisas ou modos de ser de objetos.”. SANTOS, 2010. p.268.

denominamos aqui significações”,⁴⁰ já que na posição dessa ciência *a priori*, por um lado ela é condição de possibilidade que “assume à multiplicidade das ciências – segundo a qual ela é a ciência nomológica que se dirige à essência ideal da ciência enquanto tal”.⁴¹ Por outro lado, independente da contingência subjetiva, ela nos dá o teor significativo das suas asserções teóricas, que podem ser aplicadas a todo tipo de teoria como unidade formal segundo as *categorias puras de significação*.⁴² Dessa maneira, as leis das ciências empíricas são dadas a partir de seu conceito e objeto, e estes têm conteúdo contingente, mas o significado do conteúdo se mostra ideal.⁴³

A relação diante a *Lógica Pura* com a significação, é manifestada por Husserl quando ele diz:

“Se toda e qualquer unidade teórica dada é, segundo a sua essência, unidade de significação, e se a Lógica é a ciência da unidade teórica em geral, então é ao mesmo tempo evidente que a Lógica deve ser ciência das significações enquanto tais, das suas espécies e diferenças essenciais, tanto como das leis puras (portanto, ideais) que nelas se fundam.” (HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §29, p.77)

Sendo assim, característica essencial da *Lógica Pura* aparece na medida em que os objetos gerais se tornam evidentes, deixando de lado o que de fato é singular e apresentando sua extensão diante a investigação na ciência que trata da essência da ciência.⁴⁴ E em teor objetivo, Husserl acrescenta que toda e qualquer ciência, “enquanto teoria, constituída a partir dessa matéria homogênea una, ela é uma complexão ideal de significações.”⁴⁵

⁴⁰ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §29, p.76.

⁴¹ *ibidem*.

⁴² *Ibid*.

⁴³ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §29, p.78.

⁴⁴ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*, II, 1, I Invest. §29, p.79.

⁴⁵ *Ibidem*.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Da interpretação**. Edição bilíngue. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo. Editora Unesp. 2013.

HUSSERL, E. **Investigações Lógicas**, “Prolegômenos à Lógica pura”. Tradução de Diogo Ferrer. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2012.

HUSSERL, E. **Investigações Lógicas**, “Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do conhecimento”. Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2012.

SANTOS, José Henrique. **Do empirismo à fenomenologia**, A crítica do psicologismo nas Investigações lógicas de Husserl. Belo Horizonte. Editora Loyola. p.268.